



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **William S. Burroughs, o vírus da linguagem e a máquina de produzir alucinações<sup>1</sup>**

Marcel Pereira Pauluk (PUC-SP)

**Resumo:** Este ensaio busca traçar alguns paralelos entre a teoria nada convencional da linguagem (particularmente da *escrita*) do escritor norte-americano William S. Burroughs e alguns pressupostos científicos reconhecidos como sérios (notadamente os da semiótica, lingüística, antropologia e filosofia), fazendo com isso também uma avaliação da importância do aproveitamento do potencial criativo das Artes (no caso, da literatura e das artes plásticas) aplicado às Ciências.

**Palavras-chave:** William S. Burroughs, linguagem, escrita.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP15 – Núcleo de Pesquisa Semiótica da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



## 1. William S. Burroughs e o vírus da linguagem

Quando faltam a um cientista, por mais genial que ele possa ser, certas qualidades como racionalidade, rigor, seriedade e objetividade, é provável que o meio científico o encare como um *diletante*. Se, além dessas qualidades, lhe faltar também o gosto de manter realidade e ficção bem separadas, o adjetivo *delirante* talvez lhe sirva melhor.

O escritor norte-americano William S. Burroughs (1914-1917) tinha tudo para ser um cientista. Nasceu em St. Louis, numa família que havia enriquecido graças a uma invenção de seu avô: a *Burroughs' Adding Machine*, precursora das calculadoras modernas. Interessou-se pela Medicina. Seguiu vida acadêmica estudando Antropologia e Literatura em Harvard. Mas, no final das contas, não foi a vida científica que lhe atraiu. Como o diletante e delirante que era, provavelmente passasse despercebido numa Universidade ou num laboratório. Como escritor, o que era visto como um desserviço à Ciência aparecia como criatividade, ousadia e inovação. Impressas como romances panfletários por um escritor que chamava mais atenção por sua vida errante de viciado e homossexual do que por sua obra, suas teorias ganharam adeptos e seu autor a alcunha de “Noam Chomsky do Submundo”.

O interesse de Burroughs pelo estudo sobre a linguagem nunca se restringiu à Lingüística. Pelo contrário: seus estudos em Medicina e Antropologia parecem ter-lhe sido mais úteis que a leitura da *Semântica Geral* de Korzybski. Um de seus conceitos (*slogans?*) mais conhecidos talvez tenha sido: “a linguagem é um vírus” (BURROUGHS, 1994). Não se trata de nenhuma metáfora, de nenhuma analogia. Em sua “teoria” a linguagem é literalmente um vírus, uma forma maligna e letal que invade seus hospedeiros, multiplica-se neles e através deles atinge novos hospedeiros. Um vírus que atingiu primeiramente um certo grupo de símios, tornando-os aptos a exercerem a linguagem:

“O doutor Kurt Unruh von Steinplatz avançou uma teoria interessante quanto às origens e à história desse vírus da palavra. Parte do princípio de que a palavra era um vírus do que ele chama *mutação biológica*, provocando no hospedeiro uma alteração biológica que foi depois transmitida geneticamente. Uma das razões por que os macacos não podem falar é simplesmente a estrutura das suas gargantas não estar destinada a formular palavras. Ele parte do princípio de que a alteração na estrutura da garganta seria ocasionada por uma doença viral... E não de uma vez só... Essa doença pode bem ter provocado um elevado índice de mortalidade, mas algumas macacas terão sobrevivido para dar à luz os meninos-prodígio. (...) Tendo provocado alterações na estrutura do hospedeiro que resultaram numa nova espécie, especialmente destinada a alojar o vírus, o vírus pode reproduzir-se sem perturbar o metabolismo e sem ser reconhecido como vírus. Estabeleceu-se uma relação simbiótica e o



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

vírus está agora inserido no hospedeiro que encara o vírus como uma parte útil de si próprio. Este vírus bem sucedido pode agora escarnecer de vírus marginais como a varicela e entregá-los ao Instituto Pasteur.”

(IDEM)

A originalidade maior dessa teoria burroughsiana é considerar a linguagem como algo invasor que vem de fora do homem, ou mais propriamente, algo que quando o invade o faz homem. A linguagem, em si, é inumana.

Mas, antes de prosseguirmos, é importante definirmos qual o estatuto da obra de Burroughs neste artigo. Seria a linguagem realmente uma... doença viral? Podemos dar crédito a estes escritos teóricos, ou eles não passam de alucinações de um velho literato *junkie*, que pouco antes de morrer passou a se dedicar a uma modalidade artística que unia pintura e tiro ao alvo, meditava profundamente sobre caviar e dizia se importar apenas com seus gatos? O que disse William Seward Burroughs que possa interessar seriamente às modernas Ciências da Linguagem, à Semiótica e às Ciências Cognitivas?

## 2. Antes de novos significados, novos significantes

“Eu acredito que haverá mais e mais fusão entre arte e ciência. Cientistas estão estudando o processo criativo, e eu acredito que toda a barreira entre arte e ciência irá se romper e que os cientistas, eu espero, tornar-se-ão mais criativos e os escritores, mais científicos.”

*William S. Burroughs*

A Ciência busca explicar e esclarecer as questões humanas. Seguindo uma metodologia rigorosa, ela aborda os fatos e desenvolve conceitos instrumentais que permitem ao homem um maior domínio daquilo que o cerca, ou melhor, daquilo que ele *considera* como objeto de seu conhecimento. Mas a Ciência, quando não dá conta de explicar um fato por inteiro, tem muitas vezes o péssimo hábito de se tornar recalçada. Se algo não se explica, há de velar-se essa falha de alguma maneira. O seu rigor a impede de mover-se com facilidade entre os conceitos, de abandonar velhas estratégias, de olhar as mesmas coisas sob outros pontos de vista, de *considerar* no sentido próprio desta palavra, que é *olhar os astros*. Quem olha as estrelas, quem se dá a oportunidade de divagar, de refletir mesmo sobre aquilo que não parece importante nem tem aplicação prática é o artista. É ele quem, num movimento quase premonitório, aponta novas constelações, novas galáxias de significado ainda desconhecido, sobre as quais a Ciência se debruçará para tentar reduzir sua Forma a uma fórmula. O artista não recalca: sublima.



Aquilo que não se pode explicar já constitui um universo de significantes com os quais se pode brincar, trabalhar, remanejar. Neste fazer o artista cria e amplia os campos de atuação da Ciência, que de qualquer modo não pode abrir mão de seu rigor nem de seus recalques, e que tem seu lugar como sistematizadora e arquivista do conhecimento humano.

Alguns escritos de William Burroughs, como *A revolução eletrônica*, parecem-se com teorias científicas. Tenham eles sido escritos como pura ficção ou com alguma pretensão de veracidade, de iconicidade com a realidade, não nos é dado saber. Que são obras literárias com grandes doses de experimentalismo, não se pode duvidar. Burroughs foi um dos precursores da técnica do *cut-up*, ou seja, da edição e colagem de textos. Essa técnica permitia-lhe agir ficcionalizando qualquer narrativa enquanto, ao mesmo tempo, esvaziava de seu aspecto ficcional toda ficção da qual se apropriava. José Augusto Mourão, no prefácio de *A revolução eletrônica* (IDEM), comenta o poder de perversão desta técnica:

“A perspectiva da *praxis* enunciativa, que procura articular a ancoragem das significações inéditas dentro das significações disponíveis e instituídas, permite avaliar a “tomada” do sujeito sobre as estruturas semióticas e, reciprocamente, a sua construção através das formas enunciativas propostas pelo uso. W.B. incorpora formas do uso, ao mesmo tempo que as deforma, transformando os instrumentos culturais de que se apropria. (...) A canonicidade deixa de ser considerada como uma *norma*, ou melhor, critério de cientificidade, aparecendo como um produto cultural entre outros, deixando campo livre à descoberta.”

A aplicação do *cut-up* não se restringiu à literatura. Burroughs interessava-se antes de tudo pela manipulação dos significantes, fossem eles quais fossem. Fez colagens e edições de imagens, trabalhando sobre fotos, recortes e filmes. Gravou discos mixando falas e discursos, sons, barulhos. Parecia estar sempre buscando uma forma de transmitir a sensação de proliferação dos significados, de manipular sem controlar um universo infinito de signos.

É a partir desta perspectiva que devemos abordar sua obra: como “boa para se pensar”. Leremos sua obra como uma literatura inspiradora. Confrontaremos seus absurdos com a obtusidade do óbvio. Nos estabelecendo no patamar da *intenção do texto*, aquela que, segundo Umberto Eco, está “entre a intenção do autor e o propósito do intérprete” (ECO, 1993), tentaremos mostrar correlações possíveis entre as teorias propostas por Burroughs e algumas idéias científicas sobre a linguagem. A estrutura de sua obra, algumas indagações provenientes de sua prática artística e de seu diálogo com a Ciência e com a sociedade traçarão os limites de um campo de interesses que é também o nosso: a escrita.



### 3. O significado da palavra escrita

Mas voltemos agora ao que falávamos no princípio: voltemos à gênese da linguagem. A este assunto muito antigo, muito debatido, se a Ciência ainda não deu seu veredicto final a respeito, explicações alternativas das mais variadas estirpes e muito certas de si é que não faltam. Vimos que na teoria burroughsiana a linguagem surge como uma doença causadora de mutações genéticas que se alastra entre os “homens”, tornando-os capazes de falar.

Desde Saussure sabemos que não devemos confundir fala com língua, nem esta com linguagem. Emitir sons vocalizados, até um papagaio é capaz. A fala consiste, sim, em emitir sons, ou seja, baseia-se num mecanismo psíquico-físico, porém este mecanismo permite exteriorizar as “combinações pelas quais o falante realiza o código da língua” (SAUSSURE, 1999), ou seja, realiza um código que é social, exterior ao indivíduo, homogêneo, e essencial para que se dê a fala. A linguagem não se define pelos mesmos parâmetros, pois ela é social e individual ao mesmo tempo, é multiforme e heteróclita, é uma faculdade que, natural ou não, não se exerce sem a instalação da cultura no indivíduo.

O fato de um vírus capacitar um grupo de “macacos” a falar não quer dizer que, no instante seguinte, eles possam sentar e bater um papo. Para se exercer a fala é preciso um código, nem que seja para um monólogo ou uma comunicação intra-subjetiva. Antes que haja um código, é preciso que haja algo concreto que possa servir de *veículo* para assentar um conceito. Na verdade, não poderia haver sequer um “conceito” independente deste veículo. Este veículo foi definido por Saussure como *significante* e por Peirce como *representâmen*. Burroughs, quase seguindo uma tradição derridiana, chamou-o *palavra escrita* (BURROUGHS, 1994):

“No princípio era a palavra e a palavra era Deus e desde então tem permanecido um mistério. A palavra era Deus e a palavra foi carne, dizem-nos. No princípio de quê exatamente esteve essa palavra inicial? No princípio da história *escrita*. Pressupõe-se em geral que a palavra falada antecedeu a palavra escrita. Eu sugiro que a palavra falada, tal como a conhecemos, é subsequente à palavra escrita. No princípio era a palavra e a palavra era Deus e a palavra foi carne... carne humana... No princípio da *escrita*.”

Numa famosa passagem do prefácio que escreveu para a reedição do *Ensaio sobre a Dádiva* de Marcel Mauss, Levi-Strauss lançava a hipótese de que num certo dia, há muito tempo (provavelmente entre 30 e 50 mil anos atrás), as coisas tinham passado a significar. De uma hora para outra. Elas não



poderiam ter passado a significar lentamente. Num momento nada significava, noutra depois tudo significava. O *homo sapiens* nascia de uma *semiose*.

Quando Saussure cunhou os termos *significante* e *significado* para definir a unidade atômica do signo, ele postulava um equilíbrio entre essas duas partes, uma união indivisível. Cada vez mais deixamos de acreditar em tal equilíbrio. Quando Levi-Strauss disse que as coisas “passaram a significar”, ele estava dizendo que em um dado momento existiam apenas coisas e sensações e em outro existiam coisas, sensações e *signos*. O conceito mais tradicional de signo, *aliquid stat pro aliquo*, cunhado por Santo Agostinho (354-430), quer dizer justamente “uma coisa que está por outra coisa”. Foi somente quando “coisas” puderam ser vistas como veículos para representar outras coisas, ou seja, quando o homem pôde abstrair algo daquilo que este algo é concretamente para utilizá-lo com outro fim, que veio a nascer o signo e, com ele, o *homo sapiens*.

A linguagem, então, segundo Burroughs, teria sido causada por um evento virótico *natural* (o aparecimento do significante) com conseqüências *culturais* (o aparecimento do significado<sup>2</sup>, ou seja, a multiplicação do significante). A oposição natureza/ cultura recebeu muita atenção da vertente estruturalista da Antropologia e definições como as que aparecem em *As estruturas elementares do parentesco* (LEVI-STRAUSS, 1984) parecem lançar uma luz na construção do conceito de ação do vírus da linguagem: “A cultura não pode ser considerada nem simplesmente justaposta nem simplesmente superposta à vida. Em certo sentido substitui-se à vida, e em outro sentido utiliza-a e a transforma para realizar uma síntese de nova ordem.”

O vírus de Burroughs não atua apenas biologicamente. O vírus da linguagem é também o vírus do signo, da cultura. Ele atua simbolicamente. Depois de infectado, o homem passou a conviver com a linguagem numa relação simbiótica. O simbólico agora vive no homem. E vice-versa.

“A palavra escrita é, evidentemente, um símbolo de qualquer coisa” (BURROUGHS, 1994). Escrever é produzir um acontecimento, dizer o futuro, criar uma nova realidade. Esse potencial do símbolo já havia sido afirmado elegantemente por Peirce:

“Portanto, o símbolo é diferente do ícone e do índice em seu modo de ser. O ser de um ícone pertence a nossa experiência passada. O ícone só existe como uma imagem no espírito. O ser de um índice é o da experiência presente. Mas o ser de um símbolo consiste no fato real de que qualquer coisa será certamente conhecida por

---

<sup>1</sup> “São sempre os antigos fins os chamados a desempenhar o papel de meios: os significados se transformam em significantes, e vice-versa.” (LEVI-STRAUSS, 1996)



experiência se se preencherem determinadas condições. Isto quer dizer que influenciará o pensamento e a conduta de seu intérprete. Toda palavra é um símbolo. Toda frase é um símbolo. Todo livro é um símbolo. (...) Tudo aquilo que é verdadeiramente geral relaciona-se com o futuro indeterminado, porque o passado contém apenas uma coleção de casos particulares que efetivamente se realizaram. O passado é de fato puro. Mas uma lei geral não pode se realizar plenamente. É uma potencialidade; e seu modo de ser é esse *in futuro*.”

Se lembrarmos também que, para Peirce, os signos nunca são puros, que na relação de um representâmen com seu objeto um signo terá sempre um pouco do ser de um ícone, de um índice e de um símbolo, ou seja, a palavra é antes de tudo um *signo* em desequilíbrio, podemos concluir que a anterioridade da palavra escrita pode ser interpretada como a anterioridade da *inscrição*, da carne humana que viria a receber, de um dom divino, sua alma. É o significado *animando* o significante no surgimento do signo, é o homem aprendendo a ler aquilo que escreveu enquanto não sabia que escrevia. O significado, antes do significante, não poderia passar de um turbilhão de sensações irracionais. O significante, antes do princípio do signo, era apenas mais uma “coisa”, uma palavra falada nada mais que um som, algo escrito nada mais que um rabisco.

“(...) uma palavra escrita é uma imagem e as palavras escritas são imagens em seqüência, quer dizer, *figuras em movimento*. Assim, qualquer seqüência hieroglífica nos dá uma definição admissível imediata de palavras faladas. As palavras faladas são unidades verbais que se reportam a esta seqüência pictórica. E então o que é a palavra escrita? A minha teoria de base é que a palavra escrita foi literalmente um vírus que tornou possível a palavra falada. A palavra não tem sido reconhecida como vírus porque atingiu um estado de simbiose estável com o hospedeiro...”

(BURROUGHS, 1994)

A *palavra escrita* de Burroughs aparece não com o homem, mas com o vírus. Ela é o vírus. É o *significante* que capacita o homem a ler. O antropídeo infectado que lê a palavra escrita de Burroughs é aquele capaz de ver num risco “Francisco”. Foi aprendendo a ver um fim num meio, ou seja, aprendendo a usar “uma coisa como se fosse outra coisa”, que o homem descobriu o uso do significante. Um meio para se atingir fins é, a grosso modo, o que chamamos *técnica*. A manipulação dos significantes, movimento instaurador da semiose, é o ponto de partida para articular um código que se inscreverá no próprio homem, relacionando o sistema externo, o mundo que o cerca, com um novo sistema interno: o pensamento racional.



Isto não é exatamente o mesmo que assumir, com Barthes, a idéia da linguagem como sistema modelizante primário: “(...) parece cada vez mais difícil conceber um sistema de imagens ou objetos, cujos significados possam existir fora da linguagem: perceber o que significa uma substância é, fatalmente, recorrer ao recorte da língua: sentido só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem (...)”

A perspectiva burroughsiana não é simplesmente não-logocentrismo. Ela é o avesso do logocentrismo. Não precisamos da língua, precisamos de um sistema semiótico qualquer. Esse sistema, a princípio, está na própria natureza: só precisamos lê-lo. Como antes, quando se lia o “grande livro da Natureza”, vemos a palavra escrita nas coisas, como se o mundo fosse hieroglífico. Os sistemas de escrita viriam depois, muito depois. E somente serviriam de apoio para a lembrança de algo que já vinha sendo *inscrito* a muito tempo, reproduzindo-se sem cessar: o significante, a *palavra escrita* burroughsiana, este vírus da linguagem<sup>3</sup>.

#### 4. O pensamento e a autonomia dos signos

Quem sabe exista no mundo algo mais do que signos, algo *insignificante*. Mas pelo menos as formas humanas de pensamento, raciocínio e comunicação, todas elas, se dão por semiose. Semiose é, por definição, um processo de geração de signos, também a ação, o funcionamento de um signo e a ação interpretativa ou inferencial feita a partir de signos (SANTAELLA, 1992).

A semiose seria entendida, por Burroughs, como um ciclo viral. Sua proposta, em *A revolução eletrônica*, é de que este vírus natural da linguagem estaria em vias de ser agora sintetizado. Feito em laboratório, este vírus sintético seria constituído de uma “unidade ínfima de palavra e imagem” (BURROUGHS, 1994). Um laboratório, alguns técnicos em comunicação e alguns bons bioquímicos seriam capazes de criar armas “biosimbólicas”, vírus capazes de atuar semioticamente. Allen Ginsberg,

---

<sup>3</sup> Para uma crítica do uso do termo “escrita” na acepção burroughsiana: “Obviamente, é possível considerarmos escrita qualquer marca semiótica, isto é, qualquer marca visível ou perceptível que um indivíduo faz e a qual lhe atribui um sentido. Assim, um simples arranhar em uma rocha ou um entalhe em uma vara, interpretável apenas por aquele que os faz, seria ‘escrita’. Se isso é o que se entende por escrita, sua antiguidade talvez seja comparável à da fala. Contudo, as investigações sobre a escrita que a tomam como qualquer marca visível ou perceptível com um sentido atribuído funde a escrita com o puro comportamento biológico. Quando uma pegada ou um depósito de fezes ou urina (usado por muitas espécies de animais para comunicação) se torna escrita? Usar o termo ‘escrita’ neste sentido ampliado, de forma a incluir qualquer marcação semiótica, banaliza seu significado. A entrada crítica e singular em novos mundos do conhecimento foi realizada dentro da consciência humana, não quando a mera marcação semiótica foi imaginada, mas quando um sistema codificado de marcas visíveis foi inventado, sistema por meio do qual um escritor pôde determinar as exatas palavras que o leitor iria gerar a partir do texto. É isso que comumente entendemos hoje por escrita no seu sentido claramente definido.” (ONG, 1998).



outro conhecido poeta da geração beat, dialogando com Burroughs acerca desta analogia, comenta: “Acho interessante considerar a Idéia como um vírus. É exatamente o que fazem os comunicadores do mundo... que criam slogans de três palavras que nos fagocitam a cabeça, no período de uma campanha eleitoral” (BURROUGHS, 1994).

Uma das características mais marcantes dos signos é o fato de que eles atuam de modo muito semelhante a uma epidemia virótica, sempre gerando mais e mais signos, num processo contínuo que Peirce denominou *semiose ilimitada*. Um signo (ou representâmen) de um objeto cria na mente de seu receptor um signo mais desenvolvido (ou interpretante), que por sua vez se desenvolve noutra signo e assim por diante, *ad infinitum* (PEIRCE, 1999). Este processo pode ser interrompido, porém ele não tem um fim. Teoricamente, há um *interpretante final* ao término da cadeia semiótica; na prática isto é apenas uma *tendência*. Os signos tendem a se tornar mais desenvolvidos, mas nunca chegam a se igualar ao objeto. Logo, existe uma tendência ininterrupta e acelerada de crescimento dos signos. O vírus alastra cada vez mais a rede de significantes e amplia cada vez mais o significado das coisas.

Mas assim como a *semiose ilimitada* não é, na prática, ilimitada, o ciclo virótico também não é, na realidade, sempre progressivo. Sabemos de coisas, ou melhor, de certos signos de coisas, que desapareceram ou entraram numa espécie de *latência significativa*. Às vezes partes dos significantes que os compunham podem ser rastreados em outros signos atualizados. Às vezes não mais. Com a ascensão de novas tramas sígnicas, signos desatualizados, que falharam em seu mister de criar um *hábito* (PEIRCE, 1999), acabam sumindo ou sendo reciclados. Aqueles signos que estão em processo de semiose crescente estão se atualizando, ampliando seu números de elos (*links*) na cadeia semiótica, exatamente como os vírus no auge de uma epidemia.

Um vírus/significante novo, mutante, ou reciclado, possui pouco significado. À medida que se espalha, que amplia seus *links*, o “entendemos melhor”, e para um intérprete este signo passa a ter “mais significado”. Aquilo que nos surpreende como novo o faz justamente por ter sido, até o momento, quase insignificante. Mas o fundamental é que *o insignificante não é manipulável*. Sobre o insignificante não se exerce poder. Será preciso distinguir aqui entre aquilo que é visto como possuidor de um significado oculto, como antônimo da *alethéa* grega, ou seja: ainda não desvelado, e aquilo que não possui significado algum, insignificante. Para esse ser cultural infectado pelo vírus da linguagem que é o homem não existe nada que não possua significado algum. Se algo não é inteligível é somente porque ainda não foi decifrado. Isso quer dizer que, pelo menos sob algum aspecto, não há, ainda, um sentido, ou que ele foi perdido. Mas não quer dizer que seja insignificante. Aliás, a própria “ausência” de significado num



significante é relativa. Penso no exemplo de Barthes, sobre uma epigrafia desconhecida, que ilustra um texto seu sobre o pintor francês Bernard Réquichot (BARTHES, 1990):

“Em 1930, o arqueólogo Persson descobriu em um túmulo miceliano uma jarra com grafismos nos bordos; imperturbavelmente, Persson traduziu a inscrição, em que havia reconhecido palavras que se pareciam ao grego; mais tarde, porém, outro arqueólogo, Ventris, declarou que não se tratava absolutamente de uma escritura: era um simples rabisco; de resto, em umas de suas extremidades, o desenho terminava em curvas puramente decorativas.”

Algo intraduzível é, por si só, um signo; mas algo que esse signo significa é inapreensível. A manipulação dos signos é a própria inteligibilidade, completa ou incompleta, correta ou equivocada. Réquichot ficou conhecido por quadros que pareciam-se muito com um texto escrito, mas que eram ilegíveis. O sentido, como afirma Barthes, é sempre contingente, histórico, *inventado* (por um arqueólogo demasiadamente confiante): “Quinze dias antes de sua morte, Réquichot escreveu, em duas noites, seis textos indecifráveis, que permanecerão indecifráveis até a eternidade; no entanto, nas escavações futuras, encontrarão, talvez, um Persson para traduzi-los; apenas a História determina a legibilidade de uma escritura (...)”

Voltando à idéia de Levi-Strauss a respeito do surgimento do *homo sapiens*, reafirmamos que o elemento necessário para que tudo passasse a significar foi o *significante*. É impossível imaginarmos hoje um antepassado humano cheio de idéias na cabeça mas sem possibilidade de expressá-las. Podemos, sim, imaginar um ser que, potencialmente, poderia abstrair do concreto os objetos que manipulava. Essa manipulação dos objetos poderia nos remeter a outro conceito da antropologia estruturalista, a *bricolage*, e esta ao *cut-up* burroughsiano. Com Levi-Strauss, definiu-se o *pensamento selvagem* como um pensamento *bricoleur*: uma técnica de manipulação de objetos ou signos sem um objetivo definido, mas que efetivamente conduz a algum resultado significativo (LEVI-STRAUSS, 1996). Se constrói um significante como um *lugar* para receber o significado.

“(...) A poesia do *bricolage* lhe advém, também e sobretudo, do fato de que não se limita a cumprir ou executar, ele não ‘fala’ apenas com as coisas, como já demonstramos, mas também fala através das coisas: narrando, através das escolhas que faz entre possíveis limitados, o caráter e a vida de seu autor. Sem jamais completar seu projeto, o *bricoleur* sempre coloca nele alguma coisa de si.”



A técnica de *cut-up* se processa de modo muito semelhante, porém seus objetivos são um tanto diversos. Trabalhando, como um *bricoleur*, sobre um repertório limitado, Burroughs buscava apagar os traços de autor, eliminar de seu trabalho a *autoridade*. Para isso ele apregoava um método bastante psicanalítico de trabalho: “Tome um escritor qualquer, copie extratos de um texto e, ao copiar, lembre-se de algo por associação, então acrescente-o. Aprenda a montar as vagas de associação e achará que a narração o embarca sozinho, por assim dizer.”

Isso se parece com qualquer coisa como um sonho. Burroughs trabalhava na construção conceitual de uma máquina de sonhos, uma *dreamachine*. Essa máquina de sonhos ainda dependia de um sujeito, mesmo que principalmente de um sujeito do inconsciente. Ele pretendia torná-la totalmente autônoma um dia. Não sabia que, ao nível do significante, ela já funcionava sozinha.

“(…) A descoberta do inconsciente é a descoberta de um sujeito, cujo lugar, excêntrico em relação à consciência, só pode ser determinado por ocasião de certos retornos do significante, e pelo conhecimento das leis de deslocamento do significante. O que equivale a referenciar tanto a *exterioridade* da ordem significante com relação aos sujeitos de enunciados conscientes que acreditamos ser, quanto sua *autonomia*, ambas determinantes para a significação real do que se enuncia em nós.”

François Wahl, em um texto chamado *A primazia do significante* (DUCROT; TODOROV, 1998), aponta essa autonomia do significante na cadeia sígnica, baseado principalmente na obra de Lacan. Antes de pensarmos os signos, são eles que se pensam em nós. É o vírus da linguagem agindo, inumano, simbiótico. É o processo mitopoético da *bricolage* (LEVI-STRAUSS, 1991): “Não pretendemos, portanto, mostrar como os homens pensam nos mitos, mas como os mitos se pensam nos homens, e à sua revelia. E talvez, como sugerimos, convenha ir ainda mais longe, abstraindo todo sujeito para considerar que, de um certo modo, os mitos se pensam *entre eles*.”

Acreditamos que a analogia entre o vírus de Burroughs, o pensamento mítico de Levi-Strauss e o processo de semiose seja tão acurada que queremos colocar essa autonomia semiótica dos processos de significação como ponto de partida para tratar o pensamento como dependente de um sistema semiótico quase fechado, que continuamente se constrói a si mesmo e que depende principalmente de um seu elemento: o significante, ou a *palavra escrita*. Poderíamos dizer, parafraseando Levi-Strauss, que a *palavra escrita* pensa nos homens, à sua revelia e que, de um certo modo, as *palavras escritas* se pensam entre elas...



## 5. A escrita é uma máquina semiótica

Tudo aquilo que se estrutura como uma linguagem funciona usando esse elemento que é seu átomo, o signo. Tudo aquilo que não é estruturado como linguagem, mas produz um interpretante qualquer, também.

Então a escrita, a fala, os desenhos, as imagens, os sons, os fenômenos todos, tudo é potencialmente gerador de semiose. Porém nem todas as semioses são direcionadas, controladas, assim como uma cachoeira, apesar de todo seu potencial hidráulico, não acende uma lâmpada sequer sem uma máquina hidrelétrica que lhe permita reorganizar aquilo que produz de uma outra forma.

Assim como a afirmação “a linguagem é um vírus” para Burroughs, o que vem a seguir não deve ser entendido somente como analogia: *Todos os processos controlados (em maior ou menor grau) geradores de semiose são máquinas semióticas*. Essas máquinas, postas a funcionar, desenvolvem seu potencial à parte de seus usuários. Antes, elas utilizam seus usuários na produção de sua semiose. Destas máquinas o homem é, ao mesmo tempo, o *maquinofatureiro*, o *maquinista* e o *maquinizado*.

Quero deixar claro, desde já, que não pretendo recriar aqui a idéia da lingüística *mecanicista* de Bloomfield (para quem, aliás, a escrita não apresentava “qualquer interesse teórico”), onde a linguagem tem uma explicação maquinal que não precisa recorrer ao espírito. O homem, operando ou operado pela máquina, *não é* a máquina. Pierre Levy, em *Plissê Fractal*, esclarece o estatuto da objetividade e subjetividade dessas máquinas:

“(…) cada máquina é animada por uma subjetividade ou por uma proto-subjetividade elementar. (...) Na verdade, uma máquina puramente ‘objetiva’ que não fosse movida por nenhum desejo, nenhum projeto, que não fosse infiltrada, animada, alimentada de subjetividade, não se sustentaria nem um segundo, essa carcaça vazia e seca se pulverizaria imediatamente. A subjetividade não pode, portanto, ser restringida ao ‘ponto de vista’ ou à ‘representação’, ela é instituinte e realizante. Por outro lado, a subjetividade não toma forma e só se sustenta com agenciamentos maquínicos diversos, entre os quais, na escala humana, os agenciamentos biológicos, simbólicos, mediáticos, sócio-técnicos ocupam um lugar capital.”

A subjetividade, que aqui quer dizer “o homem”, aparece somente no funcionamento da máquina. A escrita é uma dessas máquinas semióticas. O homem definitivamente não é aquilo que ele escreve, porém é só ali (e isso vale para outras máquinas) que sua subjetividade aparece. Isso não significa que é a subjetividade do homem que *anima* a máquina, mas sim que graças à máquina é que o homem se



subjetiva. Sem poder se significar, o homem não teria se desdobrado, seria impossível a criação do seu “eu”. Sem ter sido infectado pelo vírus burroughsiano, o homem não poderia habitar as máquinas e elas, por sua vez, construiriam seus símbolos, que são nada menos que o pensamento humano. Como vimos acima, o vírus, a *palavra escrita*, é da ordem do significante. Ele instaura e prolifera o princípio de *aliquid stat pro aliquo*. Mas será que aqueles “macacos” aos quais Burroughs se refere não seriam já capazes, antes da infecção, de usarem “uma coisa por outra coisa”? A etologia, que estuda os comportamentos animais, sabe que um macaco é capaz de juntar varetas em número suficiente que lhe permitam alcançar uma banana que está fora do seu alcance. Ou usar uma pedra para partir uma noz. Isto é usar um meio para atingir um fim, o que lembra nossa definição grosseira de técnica. Isto é uma técnica? Para etólogos e antropólogos, não.

Um conceito como o de técnica é um tanto perigoso de ser trabalhado, e não vamos nos arriscar muito aqui. Para nós será suficiente, por enquanto, dizer que usar de um meio para atingir um fim não basta. Um rio utiliza um meio (a topografia de uma região) para atingir um fim (desaguar no mar, satisfazendo a lei da gravidade). Não queremos usar o termo *técnica* para descrever uma coisa dessas. Mas, simplificando, vamos completar nossa primeira definição com a idéia de que, para ser técnica, algo deve poder ser ensinado e aprendido, ou seja, deve existir de maneira abstrata e independente e não somente *ad hoc*.

O problema dos macacos é que eles, por certas limitações neurológicas, não conseguem trabalhar com um grau de sofisticação simbólica grande o suficiente para estabelecer como um princípio o fato de que varetas unidas servem para alcançar coisas. Talvez elas sirvam para alcançar bananas apenas se estiverem à mão, porém se elas estiverem fora do campo de visão o macaco não lembrará que “para alcançar bananas, varetas.”

Num certo estágio da evolução dos símios alguns deles, por adaptação seletiva, foram “brindados” com uma postura ereta e mãos livres para alimentação e comunicação. A postura ereta possibilitou um maior desenvolvimento de certas partes do cérebro, algumas delas ligadas à comunicação. Isso tudo permitiu que esses antropídeos não fossem somente espertos o suficiente para manipularem alguns objetos, mas também a fabricarem objetos com intenção específica de antemão. Daí vêm os primeiros seixos lascados. Daí vêm a técnica. “De certo modo, podemos interrogar-nos em primeiro lugar se as técnicas são realmente de natureza intelectual ou se a freqüente distinção feita entre intelectual e técnica não exprime uma realidade paleontológica.” (LEROI-GOURHAN, 1990)



Estes “homens”, estamos certos de que ainda se encontravam num estágio bastante primitivo de desenvolvimento intelectual. É provável que a linguagem falada ainda tenha demorado algum tempo para aparecer. Mas o vírus da linguagem já havia agido nestes hominídeos. Eles já usavam uma coisa concreta no lugar de outra coisa. Só que esta última “coisa” podia ser agora abstraída de sua concretude. O significado surge com a técnica.

“Se a técnica mais não é do que um fato zoológico que põe em evidência caracteres específicos dos antropídeos, podemos então compreender a precocidade da sua aparição, a lentidão do seu primeiro desenvolvimento e o caráter dominador da sua evolução, a partir do momento em que essa técnica se introduz no intelecto do *homo sapiens*. Os paleantropídeos são particularmente surpreendentes, pois neles assistimos ao primeiro despertar de novas aptidões cerebrais que fornecem à técnica simultaneamente uma compensação e um estímulo.”

(LEROI-GOURHAN, 1990)

A técnica nada mais é do que a manipulação de um significante. A manipulação de uma coisa não é uma técnica se esta coisa for insignificante, no sentido que definimos anteriormente. A técnica só ganha seu atual estatuto quando em algo se *inscreve* um significado. Quando uma coisa que era feita naturalmente passa a ser feita culturalmente.

A semiose direcionada e/ou controlada tem, neste sentido, estatuto de técnica. Todo sistema semiótico é devedor do princípio da técnica, inclusive originando-se, como vimos, de uma proto-técnica. Como já afirmava, em *Ars logica*, João de São Tomás (NÖTH, 1998): *Omnia instrumenta, quibus ad cognoscendum et loquendum utimur, signa sunt*, ou seja, “Todos os instrumentos dos quais nos servimos para conhecer e falar são signos”. Poderíamos acrescentar que é graças a essa técnica de manipular signos que podemos alimentar a galáxia de signos que nos significa.

As máquinas começam a ser construídas no momento em que o advento da técnica permite aos homens sistematizarem, mecanizarem o processo de semiose. A técnica cria as máquinas e o hábito as mantém. As máquinas semióticas que estão funcionando hoje só estão aí porque não foram abandonadas, deixadas para trás, extintas. Sua produção sígnica, sua produção eficiente de significado, gerou o hábito que permitiu sua permanência no tempo. E, num ponto de vista diverso dos lingüistas mecanicistas, o significado tem aqui grande importância, pois ele é resultado e alimento da máquina semiótica.

O termo *máquina semiótica* é de paternidade discutida. Sabe-se que Peirce nunca falou nada a respeito, apesar de ter criado todos os parâmetros dentro dos quais este conceito é utilizado. Foi com o desenvolvimento dos computadores que este termo ganhou força:



1º) COMPUTADOR= *manipulador de signos* ou *máquina semiótica*. Por outras palavras: o computador é encarado aqui como o manipulador de um conjunto de sinais lingüísticos (repertório) obedecendo a um conjunto de regras (gramática) de acordo com um conjunto de instruções definidas pelo programa (algoritmo). Sob este aspecto o computador apresenta-se como uma máquina dita “não-determinista”, onde a informação de saída (output) é diferente da informação de entrada (input): isto em oposição às máquinas ditas “deterministas” - tal como um *magnetofone* - onde a mensagem aí armazenada permanece sempre idêntica a ela mesma.

(BARBOSA, s/d)

Prestando bem atenção nesta definição de máquina semiótica, podemos perceber que ela é um tanto geral demais. Tão geral que talvez pudesse servir para outras coisas que não somente um computador. Deste mesmo artigo queremos pinçar também uma definição de linguagem:

2º) LINGUAGEM: desde Lucrecio até Kristeva, passando por escritores como J. L. Borges, a longa tradição atomista concebe a linguagem como uma combinatoria infinita de átomos lingüísticos: letras, fonemas, vocábulos, sintagmas, frases, etc.

(IDEM)

Se podemos conceber *linguagem* dentro desta concepção atomista sugerida e *máquina semiótica* como algo capaz de “manipular um conjunto de sinais lingüísticos”, é fácil concluir que qualquer sistema semiótico capaz de gerar significantes específicos e relacionar estes significantes a outros significantes é uma máquina semiótica. A internet é uma máquina semiótica. A moda é uma máquina semiótica. A escrita é uma máquina semiótica. O pensamento racional é uma máquina semiótica. Etc. para qualquer sistema que siga o princípio.

William Burroughs já entrevia esta concepção em *A revolução eletrônica*. Mas a escrita, para ele, não era uma *soft machine*, uma “máquina mole”. Era uma “máquina de produzir alucinações”. Algumas palavras, ou combinações de palavras, podem produzir, segundo Burroughs, doenças e perturbações mentais graves. Isso remonta a alguns estudos antropológicos sobre a magia. Na psicolingüística, “o efeito perlocutivo é o efeito psicossomático provocado pela elocução de uma palavra que tem uma força ilocucionária particular.” (BURROUGHS, 1994). É este poder ilocucionário que poderia, na teoria do vírus da linguagem, ser sintetizado e inoculado nos homens, criando novas epidemias biosimbólicas, fazendo da máquina da escrita um instrumento de aniquilação dos sujeitos maquinizados por ela.

É contra esta tirania que Burroughs adota seu método de escrita por recortes. O *cut-up* na escrita é uma prática que “lembra o crime, o roubo, a deformação coerente” (IDEM). Para o escritor, todos os



sistemas de opressão funcionam através da palavra, e tem sua justificativa principalmente na palavra escrita, e nenhum deles pode funcionar apoiando-se inteiramente na coerção física. Era esse o principal motivo de sua preocupação em saber como funcionava a máquina da escrita (IBIDEM): “Precisamos descobrir o que as palavras são e como elas funcionam. Elas tornam-se imagens quando escritas, mas imagens de palavras, repetidas na mente, e não imagens das coisas em si.”

O que lembra uma passagem das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein (WITTGENSTEIN, 1995): “Considere que a imagem visual de uma palavra nos é tão familiar quanto a imagem sonora.”

Wittgenstein também esteve muitas vezes intrigado com a máquina semiótica da escrita. Ele questionou justamente seus aspectos cognitivos principais, numa tentativa de estabelecer como funcionava esta máquina (IDEM):

“Ora, o que ocorre quando ele, por exemplo, lê um jornal? - Seus olhos deslizam - diríamos - ao longo das palavras impressas; ele as pronuncia - ou as diz apenas para si próprio. E, na verdade, lê certas palavras apreendendo suas formas impressas como um todo; outras, depois que seu olho apreende as primeiras sílabas; e uma ou outra, talvez letra por letra. - Diríamos também que leu uma frase, não por ter, durante a leitura, falado em voz alta ou para si próprio, mas sim porque, em seguida, é capaz de reproduzir a frase, palavra por palavra ou quase desse modo. - Pode prestar atenção no que lê, ou também - poder-se-ia dizer - pode funcionar como simples máquina de leitura: quero dizer, ler em voz alta e corretamente, sem prestar atenção no que lê; talvez enquanto sua atenção está voltada para algo completamente diferente (de modo que é incapaz de dizer o que leu, se logo depois lhe perguntarmos sobre a leitura).”

William Burroughs, ao dismantelar a retórica e subverter os usos tradicionais da escrita, abriu uma brecha que permitiu vislumbrarmos esta máquina em seu pleno funcionamento. Como Mallarmé em seu *Coup de Dés* e Joyce em *Finnegans Wake*, o escritor beatnik deixou explícitos certos mecanismos que passam despercebidos por estarem intimamente interiorizados, aqueles que justamente nos maquinizam enquanto pensamos que quem está no comando somos nós. Fazendo esta máquina funcionar ao avesso, a pontapés ou de maneira incompleta, algumas de suas partes tornam-se aparentes e sua função mais clara. À medida em que entendemos melhor como a máquina semiótica da escrita funciona, entendemos alguns aspectos estruturais do nosso próprio pensamento letrado e as conseqüências do uso desse maquinário. “Quanto menos um saber é monopolizado, tanto menos ele poderá ser empregado para fins de controle.” (BURROUGHS, 1994). No processo de dismantelamento desta máquina de produzir alucinações, o recurso encontrado por Burroughs foi sua *dreamachine*, construída com *cut-ups* que buscavam no “velho



oceano da linguagem” novos significados. Em seu exercício de subversão dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos da escrita, o escritor acabou chegando num campo que é o da Psicanálise: “Eu não sei para onde a ficção ordinariamente se dirige, mas eu estou praticamente me dirigindo de maneira deliberada àquela região que chamamos ‘sonhos’.” (IDEM). É nos interstícios das máquinas semióticas, quando abrimos nelas uma fissura, que aparecem sua subjetividade instauradora e seus mecanismos de simbolização desta subjetividade, sua técnica e seu código, material de que são feitos sonhos e alucinações, homens e pensamentos.

### **Bibliografia:**

- BARBOSA, Pedro. *A Renovação do Experimentalismo Literário na Literatura Gerada por Computador*. s/l: s/e, s/d.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BURROUGHS, William S. *A revolução eletrônica*. Lisboa: Vega, 1994.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HAVELOCK, Eric A. *Prefácio a Platão*. Campinas: Papyrus, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In *Cadernos de Tradução* (nº.2). São Paulo: Dep. de Filosofia da USP, 1997.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papyrus, 1996.
- \_\_\_\_\_. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- \_\_\_\_\_. *O cru e o cozido*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LEROI-GOURHAN, André. *O gesto e a palavra: I- Técnica e linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- NÖTH, Winfried. *Panorama da semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume, 1998.
- ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita*. Campinas: Papyrus, 1998.
- PLATÃO. *Teeteto; Crátilo*. Belém: UFPA, 1988.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- SKOYLES, John R. *Vowels of civilization*. In *New Scientist*, vol. 120, (1644/1645) 24/31 December 1988, 69-73.
- \_\_\_\_\_. *Alphabet and the western mind*. In *Nature* (1984) 309: 409-410.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

\_\_\_\_\_. *Right hemisphere literacy in the ancient world*. In KERCKHOVE, Derrick; LUMSDEN, Charles (org.). *The alphabet and the brain: the lateralization of writing*. Berlin: Springer-Verlag, 1988.  
PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1999.  
WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tratado lógico-filosófico & Investigações filosóficas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1995.